

Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3  
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Artigos

2014

# **Estética, Cinema e Indústria Cultural: a escola de Frankfurt e sua importância na formação estética e crítica dos educandos**

**Autor: Helder Linhares Teixeira<sup>1</sup>.**

**Orientador: Dr. Elve Miguel Cenci<sup>2</sup>.**

**Resumo:** Pensar um artigo que possa ser apresentado como material pedagógico, eis o desafio do presente texto que se quer como sendo um percurso da pesquisa: *Estética, cinema e Indústria Cultural: A Escola de Frankfurt e sua importância na formação estética e crítica dos educandos*, ou seja, busca o desenvolvimento e aprofundamento teórico do projeto PDE 2014. Nesse texto pretende-se discutir conceitos como cinema, estética, indústria cultural, cultura de massa e suas relações com as artes e com o pensamento filosófico. Na perspectiva pedagógica como podemos relacionar e desenvolver esses conceitos na realidade do ensino médio? Como esse projeto foi e faz de forma significativa para os educandos uma transformação estética artista e filosófica auxiliando tanto na formação intelectual e acadêmica dos envolvidos. A inovação dessa proposta foi fazer a reflexão filosófica pela via de fazer cinema, e por meio dessa linguagem criar uma reflexão (produção áudio visual) sobre o mundo que nós cerca trazendo assim os educandos para uma esfera de produção não só artística mais também de conceitos filosóficos importantíssimos para compreensão do mundo contemporâneo.

Palavra Chave: Filosofia. Cinema. Estética. Indústria Cultural. Reprodutibilidade Técnica.

## **Introdução**

Talvez a maioria das verdades (ou todas elas) expostas cinematograficamente já tenha sido dita ou escrita por outros meios, mas certamente quem as capta por meio do cinema é interpelado por elas de uma forma completamente diferente. (Cabrera 2006 p.39).

Esse artigo é fruto de dois esforços, primeiramente a busca do desenvolvimento e aprofundamento da pesquisa: *Estética, Cinema e Indústria Cultural: A Escola de Frankfurt e sua importância na formação estética e crítica dos educandos*, (da turma PDE 2014), como também pensar um material que possa auxiliar na implementação de futuras conexões a serem realizadas para a aplicação do mesmo em outras escolas da rede estadual.

O artigo aqui proposto tenta demonstrar um pouco da forma de pensamento desenvolvida nesses dois anos de pesquisa junto com sua prática, e se pretende colocar como um tanto quanto diferenciado, pois não se quer realizar um tratado

---

<sup>1</sup> Professor da rede estadual desde 2005, graduado em filosofia pela Universidade Estadual de Londrina com especialização em Filosofia Moderna e Contemporânea. Email: helderteixeira@seed.pr.gov.br

<sup>2</sup> Graduação em filosofia pela universidade de passo fundo - UPF/RS, graduação em direito pela FML/PR, mestrado em filosofia pela pontifícia universidade católica do rio grande do sul - PUCRS/RS e doutorado em filosofia pela universidade federal do rio de janeiro - UFRJ/RJ. Atualmente é professor associado da Universidade Estadual de Londrina.

filosófico e tão pouco um artigo acadêmico. Pensa-se em um artigo científico que comunique se com professores de filosofia e áreas afins em que a temática: *estética, cinema e indústria cultural* possa ser pensada relacionada e desenvolvida.

Esse percurso começa com a tentativa de realizar *uma breve história do início do cinema*, para que o leitor possa ter contato com a história e o surgimento dessa linguagem artística e estética. Diante de uma sociedade extremamente midiática e imagética o cinema e os meios de comunicação de massa (televisão, internet, radio e revistas) aparecem como problemas filosóficos por excelência e por sua vez também integram a vida cotidiana.

Quando pensamos a realidade escolar e social do educando e a necessidade de conhecer e interpretar o mundo que o cerca, o tema da indústria cultural e seus produtos e a possível dominação exercida no jovem contemporâneo se apresenta como um objeto de estudo de extrema relevância tanto para o professor pesquisador quando para o educando do ensino médio.

É nessa direção que a reflexão filosófica e suas particularidades podem auxiliar para compreender melhor o fenômeno da indústria cultural e suas múltiplas relações. Assim, recorreremos aos teóricos da Escola de Frankfurt, mais especificadamente, Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895 – 1973) em sua obra “A dialética do esclarecimento” e Walter Benjamin (1892- 1940) no seu ensaio “A reprodutibilidade técnica da obra de arte”. Esses três filósofos e os referidos textos ocupam o universo de reflexão não só da filosofia como das ciências humanas como um todo; sendo um importante ponto de encontro das reflexões sobre o mundo contemporâneo e como os produtos da indústria cultural podem influenciar na formação dos alunos do ensino médio paranaense.

É notória e muito abordada a grande influência que o universo tecnológico tem exercido na juventude contemporânea, nossos adolescentes e jovens sofrem não só a influência das novas tecnologias mais do *fetichismo da mercadoria*, isto é, o universo do consumo e do consumo dos produtos culturais que também se tornaram mercadoria. É dentro desse universo que esse projeto ganha relevância, propor o cinema como ferramenta pedagógica, mesmo que muitos discentes tenham o cinema como apenas um produto cultural.

A discussão e o aprofundamento teórico irão proporcionar ao estudante não só a dimensão mais aprofundada da sociedade que ele integra como também o contato com o cinema como arte, como possibilidade de estabelecer uma reflexão

sobre esse processo de imposição mercadológica onde até mesmo a arte é transformada em mercadoria, e por fim, pensar e criar sua produção.

A produção áudio visual produzida pelos alunos permitiu que esses demonstrassem seu olhar e sua interpretação sobre essa dominação e massificação, como também a de um aprofundamento teórico dos conceitos filosóficos, reunindo essas duas esferas teremos o resultado desse projeto pedagógico.

Esse projeto embora pensado localmente pretende auxiliar nessa longa tarefa de melhoria da qualidade da relação teórico prático da disciplina de filosofia nas escolas públicas e onde essa proposta for implantada.

### **1. Breve história do início do cinema**

Para muitos jovens que nasceram na era digital, nem imaginam o que foi o ano de 1895, na França. Era final do século XIX e os irmãos Louis e Auguste Lumière revolucionam a fotografia e tornam possível colocar as imagens em movimento, entretanto, não foi uma invenção nada solitária, vários outros criaram máquinas para tentar colocar imagens em movimento, embora já houvessem realizado esse feito, não com tamanha qualidade e capacidade de reprodutibilidade. Mas porque os irmãos Lumière são conhecidos como os pais do cinema? Os irmãos filho de Antoine Lumière que era fotógrafo e fabricante de películas fotográficas, trabalhavam na indústria da família o que permitiu desenvolver conhecimento sobre a fotografia para inventarem o Cinematógrafo – primeira invenção que captou e projetou imagens – que permitiu que, em 28 de dezembro de 1895 fosse possível uma verdadeira revolução na história das artes, a exibição pública de uma imagem em movimento. Contudo, os irmãos não viam nessa invenção um grande potencial mercadológico. Mal poderiam imaginar que o cinema se tornaria uma grande e importante expressão da indústria cultural, movimentando artistas, produtores e milhões de espectadores mundo afora.

As produções dos irmãos Lumière eram em sua maioria curtos documentários divulgando o cinematógrafo ou filmando o cotidiano. O novo aparelho [Cinematógrafo] era ao mesmo tempo aquilo que filmava as imagens e o próprio projetor dessas. Um aparelho revolucionário que deu origem aos primeiros documentários, evidentemente que curtos, em sua maioria de 50 ou 60 segundos, relativamente simples que deu o “título” aos irmãos Lumière de “pai” do cinema, porém, se essa máquina geraria uma grande revolução que se iniciou no final do

século XIX e se mostra a todo o vapor no século XIX tornando possível o que era impensável naquele momento: o cinema digital e o 3D, enfim, todas as revoluções de linguagem no cinema contemporâneo. Essas imagens podem ser encontradas facilmente, e devem fazer parte de qualquer narrativa da origem do cinema. Esse link, <http://www.youtube.com/watch?v=IW63SX9-MhQ>, demonstra a seleção de filmes dos irmãos Lumière, que mostraram dez de seus filmes no subsolo de um café em Paris, no dia 28 de dezembro de 1895, sendo a exibição citada à cima como a primeira exibição pública de cinema.

Dentro desse cenário surge outro nome de imprescindível importância na origem do cinema, Georges Méliès (1861-1938), que é um real entusiasta da invenção dos irmãos Lumière e introduz ao cinema uma realidade nunca vista, isto é, mistura algumas linguagens artísticas como o teatro e as artes plásticas criando pela primeira vez um filme de ficção, que não se limitava a descrever o real, mas de captar outras “realidades”, utilizando de cenários e ilusões criadas a partir de substituições de objetos e sobreposição de imagens. Assim, com Méliès o cinema se transforma, isso fica claro em um dos seus filmes mais conhecidos: *Viagem para a lua* (*Le voyage dans la lune* – 1902). Esse filme pode ser assistido e utilizado por ser de domínio público, segue o link onde pode ser encontrada em sua versão original e legendada, para ser trabalhada como os alunos para que os mesmos tenham contato com a grande transformação na história do cinema pelo cineasta Georges Méliès: [http://www.youtube.com/watch?v=\\_FrdVdKlxUk](http://www.youtube.com/watch?v=_FrdVdKlxUk).

Claro que vários outros fatores e pessoas trabalharam na origem do cinema, como aqui não se quer narrar a história do cinema e sim demonstrar o percurso sugerido para se trabalhar com os estudantes, discutir os irmãos Lumière e Méliès garante o acesso e a análise sobre a origem do cinema. Essa discussão feita em sala de aula, depois de exibir os primeiros filmes, levará a uma importante contribuição na formação dos alunos que mais tarde participarão na criação de suas produções áudio visual (criação e produção dos seus próprios filmes).

Podemos perceber que, ao longo da história do homem criar representações sobre o mundo a sua volta se mostrou uma preocupação que pode ser notada e percebida desde quando deixam suas impressões e marcas nas paredes das cavernas, essas representações foram se alterando com o desenvolvimento de novas técnicas, tendo como objetivo construir representações, muitas com perspectivas e tentativas de representar movimentos, em outras palavras, captar

imagens e movimentos se mostra de diversas formas como uma necessidade por meio do cotidiano de afirmar sua própria cultura.

A história do cinema não é diferente das outras artes no que tange essa vontade de expressar seu cotidiano, entretanto por ser uma arte mais recente que a pintura, a gravura, a escultura e a música, passa inevitavelmente pelo rápido avanço técnico da máquina fotográfica, que capta e congela o momento, “eternizando” e copiando o real de forma técnica, mas não como os “retratos” feitos á mão. É o avanço da fotografia no final do século XIX que torna o aparecimento do cinema possível. Sendo assim, destaco duas grandes necessidades humanas: a primeira é a de captar o movimento e o movimento do mundo a sua volta, e a segunda seria desenvolver tecnologias para que isso fosse possível. Se por um lado artístico a técnica auxilia a criação de novas expressões e movimentos artísticos, na Europa, a primeira Guerra Mundial afastará o núcleo da grande produção de massa, já nos anos 20 migra para os Estados Unidos criando Hollywood que se concretiza como a grande indústria cinematográfica mundial, produzindo filmes com uma ótica de comercializá-los e torná-los populares, passados 90 anos ainda se constrói como a maior indústria do cinema mundial.

Claro que vale destacar que ser a maior também não garante ser a melhor, pois ao longo dos anos Hollywood se especializou em criar filmes como grandes produtos e não como uma preocupação artista, isso ficará mais evidente quando iniciarmos a discussão sobre cinema e indústria cultural. Podemos demarcar o cinema como importante ferramenta nas duas grandes guerras, primeiramente utilizado como propaganda dos feitos e conquistas da guerra, como exemplo temos o alistamento de novos militares. A capacidade de filmar as estratégias militares e os campos inimigos também foram utilizados na guerra, ou seja, as grandes guerras foram pano de fundo do cinema, contudo, a guerra também influenciou o cinema na ideia de homem e de sociedade moderna, o pensamento e os avanços tecnológicos que marcam o século XX trouxe fortes marcas nas primeiras décadas do aparecimento do cinema.

Para nossas conexões entre os conceitos estéticos, filosóficos e cinematográficos os filmes de Méliès atribuem algo importantíssimo, que é dar novas possibilidades para essa linguagem dentro do cinema, que garantiu ao cinema realizar transformações inimagináveis. O cinema como linguagem estética traz a possibilidade de pensá-lo como uma linguagem de pensamento que vai além de

representar o cotidiano, visto que, cria mundos e realidades que o simples olhar não permitiria, por este motivo Méliès é considerado o primeiro grande cineasta da história. Podemos perceber um conceito contemporâneo de cinema que nós ajuda a pensar o que é então o cinema, quando Julio Cabrera em sua obra “O Cinema Pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes” diz:

O poder reprodutivo e produtivo da imagem em movimento marca o caráter emergente do cinema e também distingue, algo só possível graças à fotografia em movimento. O que marca a diferença são a temporalidade e a espacialidade particulares do cinema, sua capacidade quase infinita de montagem e remontagem, de inversão e de re colocação de elementos, a estrutura de seus cortes. (CABRERA, 2006, p.29).

Com o grande avanço tecnológico esse processo de captar, editar imagens redimensioná-las, transformar suas cores e sobrepor imagens, se tornaram recursos simples em que o mundo digital e programas relativamente simples para computadores pessoais trazem a possibilidade para que isso aconteça, e propor trabalhar a produção de filmes com os discentes utilizando a filosofia e seus conceitos com um olhar filosófico é uma realidade, pois o cinema por ser múltiplo inclui todos os estudantes, tanto na possibilidade de criar e fazer algo simples na questão tecnológica, como algo com maior utilização de recursos técnicos.

Entretanto não é a tecnologia que faz da produção algo boa por si só. Ela só serve para possibilitar desenvolver o pensado e o refletido, sendo que ao criar o filme o discente não só estará estabelecendo relações com os conteúdos abordados, mas deixando em seu trabalho seu próprio pensamento e sua visão de mundo.

### **1.1 A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.**

Iniciaremos nossa discussão com o autor Walter Benjamin (1892-1940) e nesse capítulo que leva o mesmo nome do ensaio “*A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*” fica clara a discussão estética realizada com o cinema, porém, não é apenas isso que se quer destacar, o intuito é pensar e refletir como foi possível a obra de arte se tornar reprodutível? E nesse momento ela deixa de ser arte? Quais as influências do avanço da técnica de reprodução em massa nas expressões artísticas? Inúmeras reflexões podem e já foram feitas a respeito desse importantíssimo ensaio, penso que quando destinado a leitura e estudo no ensino médio pode ser selecionado fragmentos do texto – tendo em vista a dificuldade de trabalhar textos filosóficos na íntegra – nesse sentido esse ensaio nós ajuda, sendo

assim, foi trabalhado com os discentes a *introdução, reprodutibilidade técnica, autenticidade, destruição da aura e fotografia e cinema como arte*.

Esse recorte possibilitará o contato do aluno com o texto original, todavia, pretendemos não trabalhar apenas com esse recorte, mas fornecer ao aluno o texto original, para que o mesmo ao despertar o interesse pelo tema e pela reflexão filosófica possa ler o texto todo individualmente. Claro que o que será recortado deverá ser adaptado para a realidade de cada sala de aula, contudo o contato com o texto filosófico, em que por excelência residem os problemas da filosofia, se mostra mais do que necessário e importante para a formação da leitura e intelectual do estudante.

“Em sua essência, a obra de arte sempre foi reprodutível. O que os homens faziam sempre podia ser imitado por outros homens” (BENJAMIN, 2012, p.180), claro que se pensarmos a arte como a tentativa do homem em representar o mundo a sua volta e seu cotidiano, Benjamin (2012) nos apresenta muito bem o problema. Todavia, quando pensamos que o século XX foi o momento de grandes inovações, era da reprodutibilidade técnica da arte, muitas expressões artísticas sofreram grandes transformações como a fotografia, as artes plásticas e a música, isto é, o modo de produzir arte foi repensado. Os meios de comunicação como o telefone e o rádio só era possível ter acesso se estivesse presente, no contexto atual é possível ser acessado do seu quarto ou da sala em seu apartamento. Evidentemente que essas enormes revoluções tecnológicas atingiram não só o universo da obra de arte mais todo o mercado, que agora vê na arte a possibilidade de lucrar e de ser transformado em mercadoria.

E eis que surge a pergunta crucial colocado por Benjamin (2012) que seria a perda da Aura no processo da reprodutibilidade, e nesse processo de reprodução com as novas tecnologias ela perde o aqui e o agora ao vivo, o autor define bem esse conceito de aura quando diz:

Em suma, o que é a aura? É uma teia singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja. Observar, em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que projeta sua sombra sobre nós, significa respirar a aura dessas montanhas, desse galho (BENJAMIN, 2012, p.184).

E como a obra de arte ao longo do tempo veio perdendo essa aura? Benjamin (2012) nos mostra que, a difusão intensa dos meios de comunicação de massa e tudo que cerca o século XX contribuíram para o declínio atual da aura. Aqui dois

conceitos importantes se unem: o de reprodutibilidade técnica e o declínio da aura. Isso nos revela que foi o avanço tecnológico que permitiu esse rápido desenvolvimento das técnicas de reprodução, como exemplo temos a indústria de armas que antes dava-se um tiro e era letal a uma única pessoa por vez, agora com as novas metralhadoras matamos de forma massificada; outro exemplo são os alimentos industrializados e a moda, enfim, todos os produtos pensados para esse processo de massificação e de larga produção.

O cinema, no caso específico desse artigo e nas palavras do filósofo Benjamin (2012), representa bem esse momento histórico e nesse sentido: “O filme serve para exercitar o homem nas novas percepções e reações exigidas por um aparelho técnico cujo o papel cresce cada vez mais em sua vida cotidiana” (BENJAMIN, 2012, p. 188), realmente a capacidade de reprodução foi uma das grandes marcas do século XX.

Claro que nos anos 30 o cinema era algo completamente diferente de nossa realidade, porém, Walter Benjamin (2012) já percebia a importância e a relevância dessa nova manifestação artística que surge mediante ao processo de desenvolvimento tecnológico, em que agora os atores não encenam para um público e sim para um aparelho de reprodução de imagens, de estúdios e roteiros que fornece ao diretor capacidades de criar algo que não é nem aquilo que se filmou ou pensou, mas a mistura desse processo de criação.

Nesse pensamento de definição do cinema não podemos esquecer-nos do uso político dessa nova forma de narrar os fatos, já que seus discursos podem ser filmados, gravados e transmitidos para além do espaço e também podem ser visto por inúmeras pessoas, colocando assim como um ótimo mecanismo para atingir as massas. É claro que o avanço do capitalismo e as novas formas dos processos produtivos tornam ainda mais interessante se atingir as massas tanto para a comercialização dos produtos como para sua criação nas fábricas.

Assim, a apresentação cinematográfica da realidade é para o homem moderno infinitamente mais significativa, porque ela lhe oferece o que temos o direito de exigir da arte: um aspecto da realidade livre de qualquer manipulação pelos aparelhos, precisamente graças ao procedimento de penetrar, com os aparelhos, no âmago da realidade. (BENJAMIN, 2012, p.202).

Nesse processo de reprodução da obra de arte a relação entre a arte e a massa se modifica, pois aproxima do espectador tanto um filme do Charles Chaplin quanto as obras de Picasso. Aquilo que só poderia ser visto no museu, no teatro, na

ópera, na apresentação daquela orquestra, está acessível por meio das técnicas de reprodução. Podemos ter acesso por meio de fotografias a lugares que nunca teríamos ido, isso significa que a reprodução aproxima o distante embora alterando assim a relação entre sujeito e arte.

Se por um lado o processo torna a arte mais democrática trazendo a possibilidade de levar o distante para perto, de fornecer contato com obras que antes era disponível a um pequeno círculo, agora o acesso a arte se torna perigosamente democrática, já que massificar o gosto faz parte da lógica maior de produção e vendagem das mercadorias, sejam eles carros ou produções artísticas que tinham no seu valor de mercado sua principal importância. Essa dinamicidade do cinema perante as artes plásticas atrai esse homem do século XX, visto que, se antes era necessário parar diante de uma tela para admirá-la e pensá-la, agora esse processo de absorver a arte se torna dinâmico com o cinema, pois mal se captou a imagem disponível no filme já existe outra, esse procedimento dinâmico se enquadra nesse momento histórico.

Claro que não podemos comparar as expressões artísticas, contudo é fácil entender como a linguagem do cinema se fez de extrema importância no século XX, visto que trazia as marcas desse tempo. Pensar que com isso a obra de arte no geral ganha mais público, nos faz destacar que perde sua aura, ou seja, sua capacidade de ser pensado no instante de sua criação, no instante único dessa reflexão. Eis o problema central na discussão de Benjamin (2012): a reprodutibilidade técnica da obra de arte torna a arte algo melhor ou pior?

É necessário deixar claro ao aluno que a discussão não é a de melhora ou piora nas expressões artísticas, mas como essas revoluções trouxeram mudanças na forma de produzir arte e de pensar sua recepção. Podemos destacar que ao mesmo tempo em que a arte se torna mais democrática e assim acessível para mais pessoas, ela se distancia da sua Aura e corre grande risco de ser pensada apenas como mercadorias. Eis onde reside a problema central a ser discutido e construído com os estudantes, os pontos principais dessas transformações que acompanham a arte no início do século XXI.

## **1.2 A Indústria cultural e a razão instrumental.**

Quando se propõe a falar da obra *Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer (2006) em uma abordagem para adolescentes venho novamente optar por trabalhar fragmentos da mesma, destacando três partes: *Prefácio*, *O Conceito*

de *Esclarecimento e A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas*. São esses textos selecionados e disponibilizados para os alunos que dentro desse universo textual e conceitual possam surgir novos recortes para trabalhar com turmas maiores ou de acordo com as necessidades e realidades de cada turma que o projeto for aplicado.

Nas palavras de Adorno e Horkheimer,

A disposição enigmática das massas educadas tecnologicamente a deixar dominar-se pelo fascínio de um despotismo qualquer, sua afinidade autodestrutiva com a paranóia racista, todo esse absurdo incompreendido e manifesta a fraqueza do poder de compreensão do pensamento teórico atual (ADORNO E HORKHEIMER, 2006, p. 13).

Diante dessa citação podemos questionar: A razão está em crise? Poderia ter sido usada para esclarecer o homem e torná-lo melhor? Em alguns sentidos podemos afirmar que essa razão instrumental fez isso? Porém, em pequena escala a razão foi utilizada para a libertação do homem? Também está a serviço da lógica mercadológica que estabelece uma crise da racionalidade tanto no campo das massas ou do pensamento teórico? Muitas questões podem emergir nas discussões e leituras e nesse contexto escrevem,

A naturalização dos homens hoje não é dissociável do progresso social. O aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condições para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo se vê completamente anulado em face dos poderes econômicos. Ao mesmo tempo, estes elevam o poder da sociedade sobre a natureza a um nível jamais imaginado. (...) Mas ele necessariamente se esvai quando se vê concretizado em um bem cultural e distribuído para fins de consumo. A enxurrada de informações precisas e diversões assépticas desperta e idiotiza as pessoas ao mesmo tempo. (ADORNO E HORKHEIMER, 2006, p.14).

Essa crise da razão é que Adorno e Horkheimer (2006) vão chamar de Razão Instrumental. Em filosofia não é difícil lembrar o famoso texto do grande filósofo moderno Kant *“Resposta à questão – o que é esclarecimento?”* Quando logo no início do texto define Esclarecimento:

Esclarecimento é a saída do homem da menoridade pela qual é o próprio culpado. Menoridade é a incapacidade de servir-se do próprio entendimento sem direção alheia. O homem é o próprio culpado por esta incapacidade, quando sua causa reside na falta, não de entendimento, mas de resolução e coragem de fazer uso dele sem a direção de outra pessoa. *Sapere aude!* Ousa fazer uso de teu próprio entendimento! Eis o lema do Esclarecimento. (Antologia de textos filosóficos, Curitiba 2009, p.407).

É interessante nesse percurso de pensamento demonstrar para o discente que os temas e conceitos filosóficos dialogam entre si ao longo da história do

pensamento filosófico e que expõem claramente essas diferenças conceituais entre os pensadores, abrindo assim um leque maior de possibilidades de interpretações e um maior aprofundamento tanto da história da filosofia como de conceitos filosóficos.

Quando pensamos o conceito da razão no pensamento moderno ou na chamada razão iluminista podemos afirmar que o desenvolvimento racional não trouxe um homem emancipado. O conceito de esclarecimento fica claro na citação acima, um homem capaz de ser senhor de si e dominador dessa razão como algo emancipatório. A crítica de Adorno e Horkheimer (2006) é de que o desenvolvimento da racionalidade não levou o homem a uma emancipação, mas sim a uma alienação e massificação, e afirmam que a indústria cultural mostra a regressão do esclarecimento. A razão instrumental agora desenvolvida a serviço de interesses liberais e mercadológicos, como o próprio conceito diz instrumentalizar a dominação.

Nessa nova perspectiva de pensar a razão, o entendimento surge em outro contexto como afirma os filósofos Adorno e Horkheimer:

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber. (ADORNO E HORKHEIMER, 2006, p.17).

É nesse contexto que podemos falar de uma razão instrumental, a instrumentalização não tem como objetivo a libertação do homem do jugo da alienação e da ignorância, mas de produzir mercadorias de massa que para sua melhor penetração e eficiência é necessário cada vez mais uma massa homogeneizada tanto nos padrões de consumo quanto nas formulações dos pensamentos.

Claro que o cinema está localizado em meio a essa crise e suas produções já na década de 40 visavam serem grandes mercadorias, esse processo e as técnicas para a alienação não só do trabalho, mas na “diversão” é que passam a serem mercadorias acessíveis por meio do consumo, tendo suas táticas aprimoradas e facilitando assim a percepção de como isso afeta a vida cotidiana dos nossos educandos.

Embora o foco da pesquisa não seja a recepção dos alunos perante as tentações do consumo, se investigar o gosto musical, os filmes que assistem, os modelos de celulares desejados, a linguagem virtual perceberemos que essa homogeneização e padronização do gosto existem atualmente entre os

adolescentes, entretanto também podem produzir reflexões sobre esse mundo do consumo a sua volta,

[...] pois a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto. Até mesmo as manifestações estéticas de tendências políticas opostas entoam o mesmo louvor do ritmo do aço. Os decorativos prédios administrativos e os centros de exposição industrial mal se distinguem nos países autoritários e nos demais países (ADORNO E HORKHEIMER, 2006, p. 99).

Parece-me que em vários aspectos a cultural atual não se difere muito da descrita acima, embora a técnica de reprodução tenha avançado como nunca imaginada. Em um contexto em que qualquer pessoa fotografa, filma, grava e quase que instantaneamente posta nas redes sociais, percebemos que a lógica na produção dos bens culturais ou de consumo se mantém semelhante à descrita pelos autores.

Percebemos que, os produtos culturais como, filmes de grandes indústrias cinematográficas ou músicas que fazem sucesso na grande mídia apresentam semelhanças, é dessa semelhança que compreendemos que o padrão de gosto também é homogeneizado, tornando assim mais interessante os produtos culturais oferecidos, já que são pensados e produzidos para um público homogeneizado.

Temos que lembrar que embora o domínio da indústria cultural não seja realizado da mesma forma em todos os indivíduos podemos perceber fortemente suas marcas nos adolescentes, é só ligarmos o rádio, a televisão ou assistir os “grandes filmes” em cartaz nos cinemas para perceber que há uma homogeneização do gosto presente nos nossos dias, Adorno e Horkheimer (2006, p. 100) afirmam na obra *Dialética do Conhecimento* que: *“O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem.”* Entretanto, mesmo que as produções contemporâneas tenham se tornado diversas (talvez um fato recente de programas diversos realizados exclusivamente pela internet) tanto de temas como de produtoras independentes nas mais diversas áreas, os autores continuam afirmando essa generalização cultural que em outra escala se encontra fortemente ligado ao nosso cotidiano, fica claro na citação abaixo em que Adorno e Horkheimer escrevem:

Os interessados inclinam-se a dar uma explicação tecnológica da indústria cultural. O fato de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades

iguais. O contraste técnico entre poucos centros de produção e uma recepção dispersa condicionaria a organização e o planejamento pela direção. Os padrões teriam resultados originariamente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência. (...) A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. (2006, p.100).

É neste momento que se fundem os conceitos a serem trabalhados com os alunos, pois não poderíamos pensar a indústria cultural e seus produtos mercadológicos sem entendermos o que é a razão instrumental e a quem essa indústria se interessa.

### **Considerações Finais**

Quando pensamos o trabalho de ensinar filosofia para os jovens do ensino médio surgem muitos desafios, e ao abordar o conteúdo: estética; temos grandes possibilidades, uma delas é de relacionar os conteúdos com as disciplinas de arte e sociologia. Esse projeto ao ser trabalhado em mais de uma disciplina auxilia ainda mais na formação global do educando, tarefa que esse projeto desenvolveu, isto é, a proposta foi abordar e trabalhar conjuntamente com as duas disciplinas possíveis dentro de cada universo escolar, no caso específico desse, as disciplinas envolvidas foram arte e sociologia.

O projeto foi realizado no primeiro semestre do ano letivo de 2015, ocupando todo o primeiro semestre. A implementação foi pensada em cinco grandes ações. Primeiramente, foram trabalhados os conteúdos específicos, os conceitos estéticos e os textos filosóficos citados no decorrer do artigo – Escola de Frankfurt, Indústria cultural, cultura de massa, cinema, reprodutibilidade técnica da obra de arte, o fetiche da mercadoria – para familiarizar o educando com a discussão entre cinema e filosofia. Foram utilizadas 10 horas para essa tarefa. Posteriormente, foi ofertada uma oficina em dois encontros em horários de contra turno possibilitando assim o acesso da maior parte dos estudantes envolvidos, nessas foram desenvolvidas palestras sobre cinema e o fazer cinema. A terceira ação destinou mais 4 horas para a realização do vídeo produzido pelos alunos em grupos (de 1 a 4 alunos), nessa produção os envolvidos discutiram os conceitos filosóficos trabalhados em sala de aula e fizeram relações e interpretações da possível influência midiática do mundo ao seu redor.

No quarto momento essas produções foram avaliadas e selecionadas juntamente com outros 3 professores participantes, essa equipe selecionou de 3 a 5 produções áudio visuais de cada uma das 5 turmas envolvidas no projeto para

participarem da amostra de cinema e filosofia do colégio Marcelino Champagnat, que foi a quinta e última atividade da implementação do projeto. Essa amostra envolveu boa parte da comunidade escolar.

As produções realizadas pelos discentes é uma maneira de pensar os conceitos filosóficos e artísticos na prática, em resumo, o pensar e fazer se confunde, na realização dessa atividade áudio visual proposta. As produções foram realizadas com um limite de 1 a 5 minutos, tendo como temática a ser explorada a influência midiática na produção cultural contemporânea, O objetivo foi chamar o aluno a pensar sua realidade e o como se produz arte e cultura na sociedade onde se encontra. As linguagens utilizadas foram livres, e os grupos encontram soluções práticas para as filmagens, a maioria das produções foi filmada com celulares ou câmeras digitais comuns.

Essa amostra não pode ter caráter meramente competitivo, mas formativo, possibilitando aos jovens o contato com o cinema como expressão artística e filosófica e não apenas como um produto a ser consumido. Os estudantes precisam perceber que por meio do pensamento estético podem não apenas serem alienados para o consumo, porém podem tecer críticas e elaborar interpretações a partir dos conteúdos trabalhados, sendo esse o desafio a ser realizado. Trabalho com essa comunidade escolar desde 2006, sendo esse um fator importante, pois conhecendo a realidade da maioria dos alunos noto que seus celulares possuem câmeras de vídeo, o que permitiu a realização dos vídeos com certa facilidade da perspectiva técnica.

Todavia, o desafio é criar um pensamento por meio das produções e não suas qualidades técnicas, por este motivo os vídeos de desenvolveram com conversas prévias com os professores das disciplinas de arte e sociologia que aceitaram auxiliar e trabalhar conceitos e temas próximos, ajudando assim tanto nas gravações como nas teorias que serviram de pano de fundo nas produções. É claro que nem sempre poderemos contar com a colaboração de outros colegas, entretanto, se possível o olhar múltiplo de disciplinas diversas enriquecerá ainda mais a discussão e a produção.

Em síntese, busca-se nesse projeto um aprofundamento teórico dos conceitos filosóficos da escola de Frankfurt e do cinema com o realizar e fazer cinema colocando os conceitos e conteúdos apreendidos no desenvolver de suas produções

áudio visuais no trabalho teórico-prático em estética proposto e desenvolvido no projeto do PDE 2014.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; HABERMAS, J. **Textos escolhidos**. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

ADORNO, Theodor W. **Textos escolhidos**. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: referências elaboração**. Rio de Janeiro, ago. 2002.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura, história e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CABRERA, Julio. **O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paula: Editora Ática, 1994.

MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2013.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental**. Secretaria de Estado da Educação, 2008.